

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**CIDADE UNIVERSITÁRIA:
URBANISMO, FRONTEIRAS DISCIPLINARES e
CIDADANIA**

LUCIANA GAMA DE SIQUEIRA

RELATÓRIO FINAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/SAE
SOB A ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. MARCIO D'OLNE CAMPOS

ÍNDICE:

1. Introdução:	3
2. Cidade Universitária e Cidadania: A Despolitização Universitária dos Anos 60 no Brasil e o Campus da UNICAMP.	4
2.1 Urbanismo da UNICAMP: Reforma Universitária e Busca pelo Panoptismo.	6
2.2 UNICAMP: Urbanismo, Serviços e População de Cidade.	12
2.3 Gramática de Espaços: Para uma leitura da UNICAMP.	15
3. UNICAMP: Urbanismo de uma UNIVER(C)idade.	20
3.1 Urbanismo e “Unicampistas”: População e Cidadania da UNICAMP.	33
3.2 Arquitetura e Dinâmica na Área de Ensino e Pesquisa:	40
3.2.1 O Ciclo Básico, as grades disciplinares e os Quarteirões do Conhecimento	40
3.2.1.1 A Ênfase do Ciclo Básico no Logotipo da UNICAMP.	44
3.2.2 A verticalidade da Biblioteca Central: um retrato da segmentação da UNICAMP.	46
3.3 A Reitoria enquanto centro da Área Administrativa:	48
3.3.1 Eleições no campus, gestão da UNICAMP e papel da Prefeitura.	50
3.4 Área Médica e o Hospital das Clínicas.	53
4. UNICAMP: Serviços de uma UNIVER(C)idade.	56
4.1 Alimentação:	56
4.2 Educação:	59
4.3 Limpeza:	63
4.4 Comércio e Serviços Bancários:	63
4.5 Os serviços de transporte:	65
4.6 Os serviços de segurança e policiamento:	68
4.7 Moradia e Hotel:	70
4.8 Serviços de Justiça:	73
5. TRABALHO DE CAMPO:	74
6. DISCUSSÃO À GUIA DE CONCLUSÃO:	75
7. BIBLIOGRAFIA	78

1. Introdução:

Hoje conhecemos “cidades universitárias” mas, se olharmos para trás veremos que as primeiras universidades não possuíam sequer construções permanentes, nem tampouco edifícios, prédios, propriedades ou posses.

As universidades - grupos de mestres e aprendizes que juntos formulavam novos conhecimentos, percorriam de cidade em cidade conforme fossem favoráveis as conjunturas, e deixavam por onde passavam muitos estudantes descontentes por não poderem acompanhar a mudança da universidade para outras localidades.

Com o passar do tempo, as universidades conseguiram se estabelecer em locais e prédios fixos, para onde os estudantes podiam seguir, caso desejassem se empenhar na busca de conhecimentos mais amplos e aprofundados.

O próximo passo na trajetória das universidades foi o seu agrupamento, de acordo com determinadas áreas de estudo, em localidades e construções reservadas. Pouco a pouco, as universidades cresciam agrupando áreas de estudo afins.

Mais recentemente, por volta do século XVIII, a união de todas as áreas de conhecimento em um único espaço passa a ser buscada como a mais adequada para o enriquecimento do mundo universitário. Neste ínterim, o campus universitário surge como a melhor maneira de existir a universidade, servindo de base para o aprofundamento do conhecimento, devido à convivência com diferentes campos de estudo e pesquisa, além de se tornar uma maneira de existência mais econômica.

No Brasil, o ano de 1934 é marcado pela criação do campus da USP, dentro da busca pelo “campus-parque” - “Ambiente comum, homogêneo e de maior produção, amplo espaço de trabalho, em edifícios especificamente construídos para cada caso, em

local arejado e agradável, tanto para o estudo como para o convívio social e esportivo” [1954]¹

Como fruto da Reforma Universitária de 1968 no Brasil, a UNICAMP é criada e adota como marca a instituição do Ciclo Básico - liberdade para escolha de disciplinas, ensino uniforme, organicidade, vida coletiva. Em contrapartida, a composição espacial do campus somada ao sistema de créditos, ao invés do ensino seriado, apontam para uma espécie “camuflagem” da dominação e controle da vida dos acadêmicos.

O que podemos perceber é que aumenta uma preocupação com a vida do universitário e suas condições de permanência na vida acadêmica e, desse modo, dá-se início à procura de um ambiente “adequado” para a vida universitária.

Ao contrário do que acontecia nos primórdios das universidades, quando os alunos as seguiam de cidade em cidade, agora ocorre o oposto: as universidades, com seus campus, quase completos como cidades e geralmente longe dos centros urbanos, constroem seus “mundos” separados e tentam “segurar” os estudantes dentro de um espaço acadêmico, por um certo tempo determinado.

Finalmente, após um período de estudos e vida no campus, o formando é visto por muitos como apto para exercer uma função ou um “papel” específico dentro da comunidade maior. Deste prisma, podemos nos perguntar em até que ponto o campus seria um locus de preparação para a cidadania plena.

2. Cidade Universitária e Cidadania: A Despolitização Universitária dos Anos 60 no Brasil e o Campus da UNICAMP.

¹ Prof. Ernesto de Souza Campos in **História da Universidade de São Paulo**, 1954.

O objetivo central deste trabalho é realizar uma leitura do campus da UNICAMP para perceber o quanto ele, também denominado Cidade Universitária "Zeferino Vaz" e sua dinâmica resistem à categoria de cidade e, dessa forma compor uma idéia de que cidade diferente é esta.

Para atingir este objetivo, partiremos da comparação de dois grandes aspectos característicos das cidades e seus equivalentes na Cidade Universitária "Zeferino Vaz". Estes aspectos são: o espaço urbano do campus, no qual se insere ou circula uma população e a rede de serviços prestados à comunidade.

A problemática gira em torno de demonstrar o contexto histórico e educacional da formação da UNICAMP e suas implicações na disposição espacial do campus, que por sua vez terá fundamental importância na caracterização da população "unicampista" e sua dinâmica. A observação do cotidiano e especificidades desta população intra-campus, apontará para uma categoria específica de cidadania.

Por último, faremos uma descrição analítica dos serviços existentes no campus, para que finalmente possamos traçar o perfil da Cidade Universitária "Zeferino Vaz", assim como o perfil do seu "cidadão".

Para problematizar a questão a ser tratada neste trabalho, iniciaremos com uma análise do contexto de formação do "urbanismo" da UNICAMP, num período em que o Brasil atravessava um regime de grande repressão - fato que nos abre caminho para uma releitura da conjuntura tendo-se apoio no pensamento de FOUCAULT [1984; 1987]² e no Panopticon de Bentham no que se refere à construções de espaços de dominação.

Num segundo momento, há um breve apresentação das características do urbanismo, serviços e população da Cidade Universitária "Zeferino Vaz".

Enfim, uma pequena exposição acerca de como importantes autores concebem o

² Michel Foucault in **Microfísica do Poder** (1984) e **Vigiar e Punir** (1987).

espaço e seu estudo encerra o ítem da problemática deste trabalho, servindo como análise de apoio ao que pretendemos estudar: as características de cidade do campus da UNICAMP.

2.1 Urbanismo da UNICAMP: Reforma Universitária e Busca pelo Panoptismo.

Grande parte da bibliografia que trata da Reforma Universitária Brasileira de 1968, aponta-a como uma tentativa advinda das autoridades governamentais de despolitizar o campo acadêmico.

De fato, o Brasil da década de 60 foi marcado por uma singular união e mobilização dos estudantes, em especial os universitários. A UNE (União Nacional dos Estudantes), organizava encontros e debates sobre a questão da educação no país, reivindicava mais verbas, mais vagas nas universidades e um ensino mais livre. Os estudantes também se posicionavam contra o regime militar.

Por outro lado, a ampliação de certos setores da mão-de-obra, especializada e com nível universitário, se fazia imprescindível dentro dos planos de desenvolvimento da economia nacional, daí o interesse em se promover de imediato uma política de Reforma Universitária, na tentativa de reordenar e adaptar a universidade brasileira às propostas e idéias econômicas do governo.

Duas das principais modificações instituídas na universidade brasileira com a Reforma de 68 foram: a adoção do *sistema de créditos*, em detrimento do sistema seriado, e a institucionalização do *Ciclo Básico*, onde os estudantes de diversos cursos tomariam sua formação comum em conjunto.

Neste sentido, a arquitetura dos prédios universitários, assim como o urbanismo

dos *campi* buscam as melhores formas de se adequar aos resultados da Reforma Universitária: a UNICAMP é um exemplo disto.

Porém, mais do que prédios simples e de construção aparentemente econômica, o arranjo urbanístico dado à UNICAMP é o que nos chama atenção dentro deste contexto político-educacional brasileiro, nos levando a refletir acerca do poder de separação e dominação pelo uso do espaço urbanístico-arquitetônico, como nos mostra a visão de Foucault acerca da descoberta do Panopticon de Bentham.

Segundo Foucault, um medo que assombrou a segunda metade do século XVIII foi o do espaço escuro. A escuridão enquanto anteparo que impede a total visibilidade das coisas, das pessoas e das verdades.

Justamente este medo causava uma supervalorização destes espaços escuros, que passariam a se tornar até mesmo terreno fértil para imaginação. Uma constatação disto seriam romances escritos naquele século, onde se desenvolveram visões fantásticas da muralha, da masmorra, do escuro, do esconderijo, florestas e cavernas, onde agiriam os salteadores, aristocratas e monges traidores.

Estes espaços escuros funcionam como a contrafigura das transparências e das visibilidades que se quer estabelecer no denominado reino da “opinião”, invocado com tanta frequência nesta época antiga.

Segundo esta crença, um pressuposto básico para se reconhecer o poder como legítimo seria o de fazer com que as coisas em geral fossem sabidas, além de que as pessoas deveriam ser vistas por um tipo de olhar imediato, coletivo e anônimo. Logo, um poder cuja instância principal fosse a opinião não poderia tolerar regiões de escuridão.

Neste sentido, Foucault analisa a estrutura arquitetônica do Panopticon de Bentham como uma fórmula aplicável a muitos domínios diferentes de um “poder exercendo-se por transparências”, de uma dominação por “iluminação” e como uma

grande descoberta dentro da proposta de organizar, controlar, vigiar e punir dentro de um esquema que, denota confiança e não inspira criações ou grandes ameaças desconhecidas, por ser aparentemente claros e plenamente entendíveis e sem grandes intenções adscritas aparentes.

O Panopticon de Bentham tem a forma aproximada de um “castelo”, torre cercada de muralhas, utilizada paradoxalmente, por oposição aos espaços escuros, para criar um espaço de legibilidade que explicita sua legibilidade.

O princípio do “Panopticon” é:

“Na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas, têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; uma abrindo-se para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro.

*Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia.”*³

De acordo com Michel Foucault, a necessidade de controlar nasceria justamente do medo de enfrentar o poder existente de forma difusa e perigosa (criativa de novas ordens), concentrando-o em instituições articuladas e fáceis de vigiar, instituições-máquinas, produtoras de disciplina.

³ Michel Foucault in **Microfísica do Poder** [1984:210].

Transportando-nos para o caso do Brasil dos anos 60, parecia ser justamente um espaço como o do Panóptico o buscado pelas autoridades para se aplicar nas universidades - um espaço aparentemente “livre”, aberto, claro, luminoso, mas, ao mesmo tempo de controle e observação de todos para com todos. Procura-se um espaço onde “*Cada camarada torna-se um vigia*”, utilizando-nos de uma expressão de Foucault acerca do Panóptico.

Neste sentido, podemos associar a idéia do Panóptico com uma proposta de segmentação do espaço e planejamento urbano que coubesse dentro de uma perspectiva de divisão, controle e observação dos homens desordenados.

Assim, no Brasil, a adoção do sistema de créditos associado à instituição do Ciclo Básico embasando o rearranjo do espaço universitário e servindo de argumentos legitimadores desta proposta de despolitização dos *campi* universitários.

A divisão urbanística do campus em três grandes áreas, por mim caracterizadas: ensino-pesquisa, administrativa e médica separa e cria populações específicas, separando o mundo teórico isolando-o de muitos problemas da realidade presente.

A própria estrutura interna da área de ensino-pesquisa, somada ao sistema de créditos, contribui para a separação dos alunos de diferentes áreas, dando margem à formação de grupos de linguagens muito diferentes e praticamente nenhum elo de ligação, a despeito de todo o ideário do fundador da UNICAMP, o biólogo Zeferino Vaz, que anunciou uma universidade unida, orgânica e harmônica, como veremos a seguir.

Comentários e especulações acerca do urbanismo do campus da UNICAMP e suas ligações com as propostas inovadoras desta universidade são levantadas por professores e alunos do IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Em umas de suas aulas, o professor e cientista político Shignolli disse concordar com um fundo de verdade na afirmação de alguns colegas no que diz respeito à pouca

arborização do campus. O campus “pelado” seria uma maneira de melhor visualização e facilidade para repressão de possíveis manifestações.

Neste sentido, a própria estrutura *radial* do campus facilita a localização e, portanto, pode servir como repressão à manifestações. Isto porque partindo-se do centro (Ciclo Básico), bastaria seguir reto numa determinada direção para localizar um possível “foco”.

A estrutura radial do campus nos faz também retomar a arquitetura do Panopticon e a mesma sensação de se estar sendo observado pela torre central [FIGURA 1]. A luz do Sol são os créditos da grade curricular cumprida pelos alunos. Assim como a luz do Sol, que entra pelas janelas do Panopticon, e aquece aos que ali se privam do mundo, esta grade curricular é também imposta aos estudantes. Assim como a luz do Sol causa uma sombra no solo, a luz desta grade também projeta uma imagem - é desta imagem que se pode vigiar e que se pode punir. As paredes que isolam os indivíduos nas celas são as mesmas que separam os alunos após um semestre comum.

2.2 UNICAMP: Urbanismo, Serviços e População de Cidade.

Na Revista do Vestibulando 1997, uma matéria intitulada “Uma cidade chamada UNICAMP”, aponta para a relação do título de cidade que o campus possui e três fatores principais que são: o urbanismo, a população e toda uma rede de serviços disponíveis à esta comunidade.

Esta matéria inicia-se por dizer que no campus circulam diariamente mais de 30 mil pessoas, e fala das características de cidade - em que se circula, mas não se mora - que a UNICAMP possui:

“À primeira vista ela se assemelha a uma pequena cidade: ruas arborizadas, edificações de cada lado, gramados, bosques, praças, restaurantes, cantinas, livrarias e quase todos os serviços oferecidos por um centro urbano (...).”[1997:06]

De volta ao passado, veremos que esta alusão aos caracteres de cidade contidos

no campus da UNICAMP, vêm desde os momentos de sua criação.

Numa citação contida no Anteprojeto da UNICAMP intitulado “Formalização Real da Universidade Estadual de Campinas no Contexto de Ensino Superior Brasileiro”, Zuhair WARWAR [1972-10], coordenador deste Anteprojeto diz que:

*“É esta massa diária de circulação que provê a vida ao centro universitário representado pela Universidade, e que **empresta ao “campus” aspectos de uma verdadeira cidade**, exigindo que o planejamento de sua operação e manutenção fixa atue em **moldes municipais**, criando todas as condições de infraestrutura física de serviços urbanos (transporte, água e esgoto, energia elétrica, ajardinamento, trânsito, policiamento, correios, etc.)”⁴.*

Percorrendo o campus, realmente observaremos um urbanismo básico muito característico das cidades modernas: segmentação e divisão funcional.

Ao se observar o urbanismo do campus da UNICAMP e sua divisão em blocos (Área Médica e Administrativa) e “Quarteirões do Conhecimento” na área de ensino-pesquisa, vemos que ele se assemelha em muito com a planta da maioria das cidades americanas de que nos fala Robert Ezra Park [VELHO: 1973; 28-29]⁵.

Segundo ele, esta planta se assemelha a um *tabuleiro de xadrez*. A unidade de distância é o quarteirão, forma geométrica que sugeriria a cidade sendo uma construção puramente artificial que possivelmente poderia ser separada e reagrupada como uma casa de blocos.

Quanto ao urbanismo e sua análise, tomemos como ponto de partida as definições de **cidade** e **cidadania** contidas no Dicionário Aurélio.

⁴ Grifos meus.

⁵ Robert Ezra Park, “A Cidade: Sugestões Para Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano”, in (org) Otávio Guilherme Velho, **O Fenômeno Urbano** (1973).

Cidade: “*sf. Complexo demográfico formado social e economicamente por uma importante concentração populacional, não agrícola, dedicada a atividades de caráter mercantil, industrial e cultural; urbe*”.

Cidadão: “*1. sm o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado; 2. Habitante da cidade; 3. Pop. Indivíduo, homem, sujeito.*”⁶

Dentro deste panorama, procuraremos saber o quanto o campus da UNICAMP resiste à categoria de cidade e, partindo desta **metáfora de cidade**, entender o que seria a “**cidadania**” exercida no campus.

A tabela abaixo sugere algumas das coincidências e desencontros, ampliações, reduções ou correspondências de alguns caracteres de cidade e formas de presença no campus da UNICAMP.

CARACTERÍSTICAS	CIDADE	Cidade Universitária “Zeferino Vaz” - UNICAMP	Observações
Guaritas	NÃO	SIM	
creche, escola, universidade	SIM	SIM	
ruas, quadras, praças	SIM	SIM	
Hospital	SIM	SIM	
Prefeitura	SIM	SIM	
Agências Bancárias	SIM	SIM	
Parque Ecológico	SIM	SIM	
correios, locadora, livraria	SIM	SIM	
Hotel	SIM	SIM	
residências	SIM	NÃO	A UNICAMP possui uma Moradia Estudantil
Segurança Pública	SIM	NÃO	A UNICAMP possui segurança patrimonial
“vida noturna”	SIM	NÃO	Os alunos da UNICAMP realizam festas noturnas no campus
templos religiosos	SIM	NÃO	

⁶ Definições retiradas do Dicionário Aurélio.



**Prefeitura da Cidade Universitária
" Zeferino Vaz "**
Prof. Dr. Salvador Massaguer Roig
Prefeito

Eventuais alterações para a próxima edição, deverão ser encaminhadas à Prefeitura da Cidade Universitária "Zeferino Vaz", Barão Geraldo, CEP 13081-970, Campinas - São Paulo, Telefone 239-3135

Na FIGURA 2, vemos um anúncio da **Prefeitura da Cidade Universitária "Zeferino Vaz"**, retirada do *Catálogo Telefônico da UNICAMP de 1995*. Neste anúncio é interessante observar denominações de **Prefeito e Prefeitura** ao lado do logotipo da *Universidade*.

2.3 Gramática de Espaços: Para uma leitura da UNICAMP.

O Espaço, assim como o tempo, é uma categoria constituída a partir das relações sociais que se inscrevem nele, constituindo-se não em um dado *apriorístico*, mas sim elaborado, criado, "inventado".

Sabendo-se desta questão da criação do espaço, torna-se fácil entender o raciocínio de muitos autores, ao falarem de “códigos” e “símbolos” espaciais específicos das comunidades que, captados, permitiriam uma leitura social.

Roberto Da Matta [SÁ:1991;40] é um destes autores. Ele fala da existência de uma Gramática de espaços e temporalidades para a existência de cada sociedade como um todo articulado. Com isto ele quer dizer que é pressuposto da existência de toda sociedade um conjunto de códigos de espaço e tempo. Logo, captando-se esta “gramática” poderíamos “ler” e entender esta sociedade.

David Harvey⁷ ressalta a dificuldade existente em se alterar a repetição destas particulares redes de códigos. Como ponto positivo aos estudiosos sociais, esta dificuldade de mutação das gramáticas sociais pode facilitar a descrição deste grupo social.

Diz ele que “nas práticas espaciais e temporais de toda a sociedade são abundantes as sutilezas e complexidades. Como elas estão estreitamente implicadas em processos de reprodução e de transformação das relações sociais, é preciso encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer uma generalização sobre o seu uso.

A história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados a estas concepções. Além disso, todo projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura da transformação das concepções e práticas espaciais e temporais.”

[HARVEY:1994]

Para David Harvey, as ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem

⁷ David Harvey in **A Condição Pós-Moderna** [1984].

uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade.

Recolocando-se a frase de Michel Foucault afirmativa de que “*a História dos Espaços é a História dos Poderes*”, ressaltamos ainda mais esta idéia de que há imposição do *quê* ou de *quem* somos dentro de um grupo social, que pode ser descoberta através da análise do espaço.

Elaborando-se uma “teia” a partir do observar dos trajetos de cada um dos indivíduos de uma sociedade, montamos a imagem das práticas sociais e de espacialização, e assim visualizamos a dinâmica desta comunidade: as relações sociais que se inserem nela, assim como as representações resultantes em cada grupo particular de indivíduos desta sociedade.

A antropóloga Ana Maria Niemayer num estudo realizado em Campinas acerca do uso de mapas na pesquisa antropológica, conclui que sempre irão haver diferentes representações do espaço de acordo com cada categoria de indivíduos. Os indivíduos de um mesmo grupo sempre chamarão atenção para determinados pontos de referência, que para outro grupo pode passar despercebido.

Existe uma apropriação do lugar por certos indivíduos que é promovida de acordo com certas circunstâncias e depois a manutenção disto com o decorrer do tempo e a transmissão de certas características às pessoas que passam a fazer parte daquela localidade.

Vidal de La Blache⁸ fala da noção de “personalidade da região”. Essas “personalidades” seriam dados da natureza e da história, e não uma construção de geógrafo, resultado de seu próprio raciocínio, como pensava Yves Lacoste.

Para Yves Lacoste⁹, autor de “*A Geografia Serve, Antes de Tudo, Para Fazer a*

⁸ Vidal de La Blache citado em Alain Lipietz, *O Capital e Seu Espaço* [1987:16]

⁹ Yves Lacoste, *La Géographie, ça sert d'abord a faire la guerre*, in Alain Lipietz, *O Capital e Seu*

Guerra”, existem no mundo em que vivemos, demarcações espaciais, as “regiões” ou “lugares”, que seriam realidades geográficas imediatamente legíveis, identificáveis e que precisam ser descritas com o máximo de perfeição.

Alain Lipietz aponta como vício desta concepção o fato de se ter que escolher certa delimitação das regiões, o que já corresponderia à uma seleção do conteúdo que precisa ser descrito. Assim, Lipietz condena a idéia de Bachelard resumida na frase “É preciso refletir para medir”.

Lipietz crítica esta noção empirista do “espaço” e do “tempo” enquanto realidades neutras ou meros dados, onde vêm se confrontar outras realidades (relações, quantidades, acontecimentos), para ai se inscreverem ou desenrolarem; Segundo ele, é a concepção empirista que faz da história, da geografia, da economia espacial a arte de extrair do dado temporal ou espacial pedaços escolhidos.

Para este trabalho, não foi difícil promover divisões no espaço para análise posto que o espaço já se apresenta urbanisticamente e funcionalmente dividido, conferindo-se características e populações diferenciadas para cada área do campus. Através de um contato maior com os universos dos indivíduos que caracterizam cada uma destas partes do campus é que tentaremos descobrir mais acerca destas divisões.

Para fechar esta explanação acerca do espaço enquanto gramática, Márcio D’Olne Campos, no artigo “Sofrimentos e Prazeres das ‘Seriemas’ - Leituras e Apropriação de Patrimônios Naturais e Culturais” [D’OLNE CAMPOS; 1990], retoma Certeau e fala do modo que como o espaço pode servir de texto:

“Muitas vezes - além da leitura de texto escrito, alfabético - o que percebemos ao nosso redor é lido com o auxílio de nossos sentidos e gravado em nossa memória. Fenômenos são como que emitidos a partir de espaços,

tanto construídos pelo ser humano como constitutivos do ambiente natural. Em nossas interações que incluem práticas e transformações da estabilidade de lugares desses espaços construídos socialmente, manifestam-se processos nos quais leituras, desejos, pensamentos e escritas representam-se sob formas, as mais variadas, indo de escritas alfanuméricas convencionais até uma vastíssima gama de modos pelos quais o ser humano marca a sua presença no mundo. São grafitagens, construções, comportamentos animais e humanos, ornamentos, rituais, obras de arte e muitas outras. Esses elementos são, portanto, formas alternativas de escrita que nos desafiam a desenvolver uma capacidade diversificada de leitura do mundo num jogo incessante do individual e do social entre eventos, signos, significados e simbolizações. Como refere-se Michel DE CERTEAU [1990:173]:

“...o espaço é um lugar praticado, assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Da mesma forma, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar que constitui um sistema de signos - um texto”¹⁰.

Escritas e leituras ocorrem como nas três etapas do encontro entre platéia e um conjunto de jazz durante uma execução. Músicos e platéia se entendem, reconhecendo a melodia no início de uma performance para, a seguir improvisar de forma livre, cada um à sua vez, mantendo sempre, quase que escondida na multidão de notas acrescidas e improvisadas, a linha melódica de fundo. Em terceiro lugar retoma-se a melodia num encontro de comunicação e reconhecimento geral, social. A leitura das criações do

¹⁰

Tradução livre do autor.

improviso é cheia de surpresas e também de improvisações por parte dos leitores/espectadores.”

3. UNICAMP: Urbanismo de uma UNIVER(C)idade.

Em Campinas, no Distrito de Barão Geraldo, encontra-se o campus da UNICAMP, intitulado Cidade Universitária “Zeferino Vaz”.

Numa tentativa de descrever o campus da UNICAMP, iniciaremos pelas características de seu urbanismo.

Tendo-se como parâmetro inicial o urbanismo da cidade de Campinas muitas diferenças e particularidades podemos notar ao observar o campus da UNICAMP.

O urbanismo de Campinas baseia-se na presença de um centro, surgido do local de formação da cidade e, hoje, importante pelo comércio. Este centro é rodeado por diversos bairros habitacionais de classe média. Já os bairros nobres são afastados e próximos aos shoppings-centers (zona periférica leste). Os bairros das classes mais baixas estão na periferia da cidade, próximo aos bairros industriais (zona periférica oeste). Deste modo, vemos que a *periferia geométrica* da cidade de Campinas foge do conceito comum de periferia enquanto pobreza ou exclusão.

O campus da UNICAMP aparece como novo conjunto urbano dentro do urbanismo de Campinas, vindo a constituir um urbanismo independente e particular, tendo como propósito inicial sediar a Universidade Estadual de Campinas. Ele se criou concomitantemente ao loteamento que se denominou Bairro Cidade Universitária, o qual circunda o Campus. Nesse caso também verifica-se a periferia do Campus em contato com uma faixa de residências de classe média-alta e alta.

De acordo com minha observação, o urbanismo do campus da UNICAMP se

divide em três grandes áreas específicas: Médica, Administrativa e área de Ensino e Pesquisa [FIGURA 3 e FIGURA 4].

O mapa da UNICAMP [FIGURA 5 -p24] também mostra que duas grandes

avenidas de acesso marcam esta divisão do campus nas três grandes áreas (Médica, Administrativa e Ensino e Pesquisa). Todas as áreas possuem entradas independentes, ou seja, não é necessário passar por entre os prédios de certa área para se alcançar uma outra qualquer. Estas grandes avenidas estão sempre movimentadas pelos automóveis e ônibus que percorrem a UNICAMP e, embora não hajam muros ou proibições para a circulação entre uma área e outra, é importante ver que estas três grandes áreas movimentam pessoas diferentes especificamente destinadas à um destes locais.

Vindo de Campinas, um visitante pode chegar pela área Médica (Via PUCCAMP), ou passar pelo centro do Distrito de Barão Geraldo chegando à rotatória onde se desmembram os caminhos para as áreas Administrativa ou Ensino e Pesquisa.

A área médica limita-se com o campus I da Universidade da PUCCAMP, promovendo um encontro entre espaços de duas universidades, sendo importante ressaltar que a PUCCAMP, ao contrário da UNICAMP, não recebe o título de cidade.

Vindo de Campinas, um visitante pode chegar pela área Médica (Via PUCCAMP), ou passar pelo centro do Distrito de Barão Geraldo chegando à rotatória onde se desmembram os caminhos para as áreas Administrativa ou Ensino e Pesquisa.

A área médica limita-se com o campus I da Universidade da PUCCAMP, promovendo um encontro entre espaços de duas universidades, sendo importante ressaltar que a PUCCAMP, ao contrário da UNICAMP, não recebe o título de cidade.

Vindo de Campinas, um visitante pode chegar pela área Médica (Via PUCCAMP), ou passar pelo centro do Distrito de Barão Geraldo chegando à rotatória onde se desmembram os caminhos para as áreas Administrativa ou Ensino e Pesquisa.

A área médica limita-se com o campus I da Universidade da PUCCAMP, promovendo um encontro entre espaços de duas universidades, sendo importante ressaltar

que a PUCCAMP, ao contrário da UNICAMP, não recebe o título de cidade. O mapa apresentado na FIGURA 6 - p.26, desenhado por um funcionário da área Administrativa ilustra esta visão do encontro Campinas-UNICAMP, sem a representação da PUCCAMP, embora ele passa por ela.

O mapa, que simboliza o trajeto do funcionário, desde sua casa até sua chegada ao seu local de trabalho resume-se com a localização de bairros, dos quais ele é cuidadoso com os nomes, até que se chega à UNICAMP. Pergunto à ele onde estariam os bairros referentes ao Distrito de Barão Geraldo. O funcionário responde que não os desenhou porque ele chega à UNICAMP pela Área Médica, logo, passaria direto de um dos bairros de Campinas para a UNICAMP.

Ao contrário destas pessoas que costumam entrar para a UNICAMP via área Médica, aqueles que chegam à UNICAMP via Terminal Barão Geraldo, como por exemplo, as pessoas que fazem uso dos ônibus de linha 3.60 - (Rodoviária) ou 3.70 - (Terminal Central de Campinas) ou mesmo os estudantes que habitam a Moradia da UNICAMP, sentem a presença marcante do Dis

Observe os trajetos realizados por diferentes grupos de pessoas e suas respectivas sensações de espaço:
trito de Barão Geraldo.

Estudantes da Moradia	Barão Geraldo - UNICAMP
utilitários das linhas 3.60 e 3.70	Campinas - Barão Geraldo - UNICAMP
UNICAMP via PUCCAMP/Área Médica	Campinas - UNICAMP

Segundo as idéias tratadas no item 2.1 “Urbanismo da UNICAMP: Reforma Universitária e Busca Pelo Panoptismo”, a área do campus cujo urbanismo é mais rico para análise é a área de Ensino e Pesquisa.

Vemos pelo mapa, que nesta área do campus as divisões ocorrem segundo determinadas **áreas de conhecimento** (Biológica, Exatas e Humanidades) [FIGURA 7].

No interior destas três grandes áreas de conhecimento, existem os “bairros” e “quadras”, onde se constituem blocos de administração, unidades de apoio e unidades de pesquisa e ensino - **Quarteirões do Conhecimento**, ou seja, em blocos disciplinares dos Institutos e Faculdades (áreas das Artes e das Ciências Naturais e Sociais correspondentes aos Institutos e as áreas mais profissionalizantes das Faculdades como as de Engenharias, de Educação, de Educação Física, Biologia e Artes, por exemplo).

O centro urbano desta área é marcado pelo prédio do Ciclo Básico - Criado para ser o lugar onde se ministra matérias essenciais ou básicas para diversos estudantes de cursos diferentes. Buscando adaptação às propostas do Ciclo Básico, cria-se um urbanismo promovedor de um movimento centrífugo e de separação dos alunos, isto porque após o período de Ciclo Básico, os alunos seguem estudando as matérias de maior especificidade para seus cursos, cada qual em seu respectivo prédio de Graduação.

Em geral, os prédios da Graduação estão dispostos cada um formando um determinado “quarteirão” do conhecimento. Seguindo da Graduação para os prédios da pós-Graduação, onde os estudantes seguem concluído seus estudos, agora aprofundados, e caminham para a pesquisa e a produção de novos conhecimentos, que seguirá dentro da mesma direção de seu prédio de Graduação correspondente. Movimentação centrífuga dos alunos a partir do Ciclo Básico. Esta idéia nos remete à estrutura urbana francesa de formato em “estrela radiante”. O aluno parece estar sendo jogado do CB para os **Quarteirões do Conhecimento** [FIGURA 6], posto que o conhecimento segue evoluindo e se fechando quanto mais distante se coloca do CB.

Segundo Edward T. Hall, existem dois grandes sistemas europeus para padronizar o espaço, dois quais um deles, a “estrela radiante”, aparece na França e na Espanha, sendo sociopetalado. O outro, a “grade”, é originário da Ásia Menor, adotado pelos romanos e levado para a Inglaterra no tempo de César, é sociofugidio. O sistema da “estrela radiante” liga todos os pontos e funções. Já o sistema de grades, separa as atividades, isolando-as consequentemente. Uma das vantagens da “estrela radiante” é a de que *“uma vez que*

a pessoa aprenda a usá-lo é mais fácil, por exemplo, localizar objetos ou acontecimentos no espaço, indicando um ponto na linha. Assim é possível, mesmo em território estranho, dizer a alguém para encontrar a pessoa no marco dos 50Km da Estrada Nacional 20, ao sul de Paris. Em contraste o sistema de grades envolve pelo menos duas linhas e um ponto para se localizar no espaço (com frequência, muito mais linhas e pontos, a depender de quantas voltas a pessoa tem de dar)” [Hall; 1977:131-132].

Como vemos, a tendência dos alunos é a de caminhar para uma periferia, que por sua vez, contraria o urbanismo vulgar, que associa a idéia de periferia à “subúrbio”, “pobreza”, lugar dos excluídos e menos favorecidos. Esta é uma área de interessante estrutura urbanística, posto que apresenta um “centro pobre”, no sentido de ministrar conhecimento básico, possuir estudantes iniciantes e uma “periferia rica”, lugar de conhecimentos mais aprofundados, pesquisas, inovações, lugar dos *experts* e grandes conhecedores.

Já as outras duas regiões - Administrativa e Médica - possuem seus grandes blocos de construções dispostos sem a presença de um centro arquitetônico. Os blocos de construção agrupam-se uns ao lado dos outros. Nestas duas regiões, a institucionalidade da Reitoria e do Hospital das Clínicas, respectivamente para as áreas Administrativa e Médica, garantem centralidades.

Cada uma destas áreas será analisada nos ítems subsequentes.

3.1 Urbanismo e “Unicampistas”: População e Cidadania da UNICAMP.

A população da UNICAMP é primordialmente mista quanto aos títulos de cidadania, no que se refere ao nascimento, sendo formada por diversos estudantes e

trabalhadores, que são campineiros, cariocas, sorocabanos, paulistanos, bahianos, curitibanos enfim, nascidos nas mais variadas cidades, tendo em comum apenas algum tipo de ligação com a UNICAMP, em maior ou menor grau, seja de trabalho, estudo ou uso de algum serviço oferecido dentro do campus.

As diferenças de faixa etária estão presentes de acordo com as áreas de ensino-pesquisa, administrativa e médica.

Na área de ensino e pesquisa, a maioria é muito jovem, com idades variando entre 18 e 28 anos. Isto se deve ao fato desta região do campus abarcar a Universidade propriamente dita. Mesmo os pesquisadores e professores tendem a estar cada vez mais jovens. Um fato que contribuiu para esta tendência é a corrida pela aposentadoria por parte dos professores de longa carreira acadêmica e com idade compatível, diante da política de cortes da previdência no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Quanto ao nível de escolaridade, a área de ensino e pesquisa, justamente por se tratar do local da universidade, reunindo alunos, professores e pesquisadores que estão no mínimo cursando o terceiro grau, temos aqui, em termos numéricos os mais avançados índices de escolaridade do campus.

Segundo a Diretoria Acadêmica da UNICAMP o número de alunos matriculados para os cursos do primeiro semestre de 1997 são de 8.821 na Graduação, 3.735 no Mestrado, 3.320 no Doutorado, 644 cursando especialização, 651 estudantes especiais na Graduação e 1426 na Pós-Graduação. No total são 18.187 estudantes.

Há aproximadamente 8 estudantes para cada professor, posto que no total a UNICAMP conta com 2.251 docentes.

A Univeridade de São Paulo, com seus 57.000 estudantes e 5600 docentes, mantém uma relação estudante/professor um pouco maior que a da UNICAMP: aproximadamente 10 estudantes para cada docente.

A área administrativa abarca uma faixa etária um pouco mais alta, não porque não possua jovens - pelo contrário há muitos nesta área, porém em escala menor à área de ensino e pesquisa. Além disso, a área administrativa possui maior número de “habitantes” na faixa dos 40 à 50 anos de idade.

A escolaridade aqui é de nível médio, segundo grau, com destaque para os formados em níveis técnicos, havendo ainda assim muitos profissionais de nível superior trabalhando nesta região do campus.

Na área administrativa há uma diversidade de funcionários e empregados trabalhando, e é nesta área que ocorre uma maior interação entre as diferentes categorias de pessoas. Os “guardinhas” - espécie de patrulheiros uniformizados, realizando de serviços de office-boys, e os diferentes funcionários das Reitorias e da Prefeitura estão em constante diálogo e se conhecem mutuamente. Paradas para o “café” reúnem funcionários de diferentes setores da área administrativa.

No total, existem 8.145 funcionários técnico-administrativos trabalhando na UNICAMP. Uma outra grande massa de funcionários que trabalha no campus são de empresas terceirizadas.¹¹

Jardineiros, pedreiros (constantes obras e reparamentos dentro do campus), e limpadores também são figuras típicas desta área, mas não interagem fora de seus grupos.

Em ambas as áreas (ensino-pesquisa e administrativa), não encontraremos tantas crianças e idosos quanto na área denominada médica. A área médica destaca-se pelo movimento intenso de pessoas vindas de muitas cidades em busca pelo atendimento do Hospital das Clínicas.

Muitas vezes estas pessoas sequer sabem que a UNICAMP é uma universidade e chamam de UNICAMP ao HC. Em busca pelo atendimento médico do HC da

¹¹ Não foi possível obter o número de funcionários terceirizados que trabalham no campus da UNICAMP.

UNICAMP, muitos idosos recorrem para esta área. Muitas mães também trazem suas crianças para se cuidar aqui.

Além disto, é justamente na área médica onde se encontra uma creche, uma escola pré-primário e outra de primeiro grau, que atende aos filhos de funcionários da UNICAMP. Daí a presença de tantas crianças nesta região específica.

Na área médica, a grande massa da população é de níveis de escolaridade muito baixos. Muitos analfabetos e pessoas com o primeiro grau incompleto.

Outra particularidade da população da área médica é o baixo grau de cidadania “unicampista” no sentido de haver menos vínculos com o campus. A grande massa dos que compõe esta área é rotativa, ou seja, o indivíduo busca tratamento, o recebe deixa de frequentar o campus. A massa desta população não está presa a determinados horários diários. Muitas vezes vêm ao campus apenas algumas vezes por mês para realizar exames, ou mesmo passam meses sem ter que retornar ao campus. Mesmo os médicos, em grande parte, dividem seu tempo entre seus trabalhos na área médica e seus consultórios fora do campus.

No transcorrer de um passeio pelo campus é fácil perceber populações de diferentes poder aquisitivo variando de acordo com as três áreas do campus. Na área médica, destaca-se a grande massa carente de pessoas que procuram tratamento médico; Na área administrativa, o que vemos são diversos funcionários de nível médio, pedreiros, patrulheiros, serventes, limpadores; já a área de ensino-pesquisa é frequentada por jovens bem vestidos, dirigindo caros automóveis.

Outro fato que indica uma população rica na área de ensino-pesquisa é a própria condição de ter ingressado numa universidade pública, como é a UNICAMP, já que tendo ultrapassado a maratona do vestibular, certamente estes alunos tiveram chances de estudar em boas escolas e bons cursinhos pré-vestibular (particulares e geralmente

caros).

O estudante pobre frequentando escolas públicas, que poucas vezes conseguem dar conta de um amplo programa de ensino e preparar bem seus alunos para o vestibular e, além disso, também se vê sem condições financeiras de pagar algum cursinho, conseqüentemente, fica de fora da competição por uma vaga em uma universidade pública e conceituada como a USP ou a UNICAMP. Paradoxalmente, muitas vezes ele ingressa no curso noturno de uma universidade privada.

Outro modo de se visualizar a renda dos habitantes da área de ensino-pesquisa é analisar os números e valores de Bolsas de estudo distribuídas à eles. Dentre os cerca de 18 mil estudantes da UNICAMP, cerca de 7.255 deles contam com bolsas de estudo, como nos mostra a seguinte tabela em valores médios segundo diferentes instituições de financiamento (FAPESP, CAPES e CNPq) à pesquisa:

Bolsas para Alunos	Valor da Bolsa	Número de Bolsas	Valor Total
Iniciação Científica	R\$ 210,00	200	R\$ 42.000,00
Mestrado	R\$ 700,00	3.735	R\$ 2.614.500,00
Doutorado	R\$ 1.300,00	3.320	R\$ 4.316.000,00

Quantos aos docentes, eles somam cerca de 2.250, recebendo salários que variam segundo à função (Instrutor, Professor Assistente, Professor Assistente Doutor, Professor Livre Docente, Professor Adjunto ou Professor Titular), e regime de trabalho (12, 24 ou 40 horas semanais), e que vão desde R\$238,03 à R\$4.085,73¹².

Quantos aos salários dos funcionários do campus em geral, eles variam de acordo com a posição do cargo e nível dentro dos três grupos: Básico (níveis de 1 à 32), Médio (níveis 10 à 41) e Superior (níveis de 24 à 55). Os valores dos salários válidos a

¹² Estes valores constam na tabela válida a partir do dia primeiro de Maio de 1997 e referen-se ao salário básico não acrescido de gratificações, mérito e antiguidade.

partir do dia primeiro de Maio de 1997, vão de R\$ 415,86 (Nível 12) até R\$ 3.389,19 (Nível 55).

A população da UNICAMP também possui como característica o seu caráter migratório. Como o campus não dispõe de bairros residenciais ou moradia, a população do campus precisa migrar para uma outra localidade ao menos para dormir.

De fato, grande parte da população do campus retorna para casa com o único propósito de passar a noite (basicamente dormir), posto que ao amanhecer já estarão voltando para o campus, muitas vezes a família inteira. Estas pessoas passam seus “dias claros” dentro do campus (aproximadamente das 8 às 17 horas), chegando em casa ao anoitecer ou já no “dia escuro”.

Foi comum durante a coleta de dados em campo frases como _ “Chego em casa e durmo”, “Vou para casa só para dormir, volto pela manhã cedo”, “Quase não tenho tempo em casa”.

Um trecho de uma conversa com um menino de 9 anos de idade mostra um pouco da vida das famílias que passam seus dias claros no campus:

__ *Como você se chama?*

__ *Eduardo.*

__ *Quem de sua família trabalha aqui na UNICAMP?*

__ *Meu pai na Gráfica, minha mãe na Reitoria e meu irmão na gráfica também.*

__ *Você tem quantos irmãos?*

__ *Mais quatro.*

__ *E eles têm que idade?*

__ *Um têm 16, o outro têm 12, eu tenho 9, minha irmã tem 10 e o meu outro irmão*

8.

__ *E todo mundo passa o dia inteiro dentro da UNICAMP?*

— *Sim.*

— *Vocês chegam aqui que horas?*

— *8 e meia.*

— *Mora em que bairro?*

— *Bom Retiro.*

— *Qual seu dia-a-dia aqui, o que você faz?*

— *Ah, lição!*

— *Tá, mas você chega aqui e vai para onde?*

— *Eu vou... eu vou aqui, depois eu vou lá em baixo no Sérgio Porto¹³. Chego em casa tomo banho, janto, faço a lição e vou dormir.*

Durante o dia dezenas de ônibus ficam estacionados próximos a o Ginásio Multidisciplinar. Cada qual com uma placa indicando o seu destino, cidade ou bairros de Campinas, São Paulo, Piracicaba, Americana, Jardim Nova Europa, Campos Elíseos, etc.

Passar pela Praça da Paz ao entardecer é também contemplar este momento de esvaziamento do campus. Muitas crianças (filhos de funcionários), e seus pais, entre outros “unicampistas” aguardam os ônibus fretados que os conduziram até suas casas.

Como veremos adiante, o poder de voto dentro da hierarquia política da UNICAMP para eleições em geral, como por exemplo para os cargos de Reitor ou Superintendente do HC, varia em ordem decrescente: reitor, funcionários, alunos.

Para esta população daremos o nome de “unicampista”.

¹³ “Sérgio Porto” é uma Escola Estadual de Primeiro Grau, localizada dentro do campus da UNICAMP..

3.2 Arquitetura e Dinâmica na Área de Ensino e Pesquisa:

A partir do material recolhido até essa etapa da pesquisa, destacamos como pontos de análise, para ilustrar a dinâmica do espaço da área de Ensino e Pesquisa, três diferentes prédios: o Ciclo Básico, a Biblioteca Central e o Restaurante II, por serem os locais de maior movimentação em número de pessoas e maior representatividade já que são frequentados por estudantes de diversos cursos, assim como têm a presença de professores, funcionários e servidores.

3.2.1 O Ciclo Básico, as grades disciplinares e os Quarteirões do Conhecimento

Ao contrário das cidades gregas, onde o centro urbanístico da cidade era marcado pela ágora - onde tínhamos o centro máximo cultural, político e social da comunidade, no campus da UNICAMP, o centro urbanístico da área de ensino-pesquisa (Ciclo Básico) transmite pouca identidade, sendo um local onde não se encontra nada formado e sim se adquire um certo conhecimento essencial.

O Ciclo Básico é demonstrativo das marcas da Reforma Universitária de 68 na Universidade brasileira. Teoricamente ele foi implantado como uma solução para a questão da necessidade do aumento do número das verbas e das vagas nas universidades (“*Mais Verbas e Mais Vagas*”) - uma das bandeiras do movimento estudantil da época.

Numa tentativa de ampliar este número de vagas de maneira econômica, ou seja, mantendo-se sem alterar os valores das verbas, achou-se por bem configurar um ciclo básico, onde os estudantes de diversos cursos tivessem, em maior número, aulas conjuntas com um mesmo professor - diminuir gastos. Posteriormente, com o início das matérias

específicas de cada curso, os alunos se divergiram cada qual para seu prédio de graduação, em movimento centrífugo no caso da UNICAMP.

“O Ciclo Básico teria a função de operar uma nova seleção no interior das Universidades, encaminhando os alunos que não obtivessem êxito escolar nos primeiros anos de estudo universitário para os cursos com menor demanda, aproveitando, assim, o conjunto de vagas oferecidas.”

“Assim, o ciclo básico tornou-se um espaço institucional estratégico para implementação da reforma universitária, em dois sentidos. Ao propor a “recuperação de falhas anteriores” e a “preparação para estudos ulteriores” propiciou a implementação do modelo de integração orgânica entre os diversos níveis de ensino. Além disso, à medida em que sua criação é consequência da pré-opção de carreira no exame vestibular, o Ciclo Básico torna-se aos olhos de seus idealizadores, instrumento de adequação das aspirações ocupacionais dos estudantes às demandas no crescimento econômico.” [PRATES: 1985; 52].

Hoje, o Ciclo Básico continua sendo um ponto de encontro de estudantes, todavia, são os estudantes das ciências exatas os que mais vivenciam este espaço.

Todavia, os ideais iniciais do Ciclo Básico foram pouco mantidos. Atualmente, o Ciclo Básico tornou-se sinônimo das Ciências Exatas.

Um caso significativo da separação das Ciências Humanas das Exatas, por exemplo, foi o ocorrido certa vez, quando a mãe de uma aluna do IFCH, afirma ter ficado espantada ao passar de carro ao redor do Ciclo Básico - “Parece o Anglo¹⁴! Todo mundo brincando, se divertindo, batendo-papo!” - Em seguida a filha retruca: “Mas isto lá no

¹⁴ Anglo é um famoso colégio e cursinho em Campinas.

Ciclo Básico, onde ficam os engenheiros... Você tem que visitar é o lugar onde as pessoas trabalham de verdade!”, referindo-se ao IFCH, Instituto onde ela estuda.

No Ciclo Básico, os alunos das diversas Engenharias se encontram, embora não se misturem totalmente. Mesmo matérias como as de Cálculo, pelas quais todos os alunos das exatas precisam passar são ministradas para turmas de alunos de cursos específicos, existindo turmas com professores e reservas separadas para cursos de determinadas Engenharias e alunos de Matemática, Física, Computação.

Segundo os estudantes que passam pelo CB, as disciplinas, mesmo sob o mesmo título e conteúdo geral, são mais “difíceis” para os alunos do Cursão (Matemática, Física, Matemática Aplicada e Computacional).

De qualquer modo, estas diferenças tornam cada vez mais complicadas as tentativas de troca de curso na UNICAMP. Ou seja, se um aluno de Física deseja trocar seu curso pelo de Engenharia Mecânica, ele terá que passar por exames que mediram os conhecimentos do aluno dentro de disciplinas como Cálculo I, que lhes foram ministradas sob o mesmo título e conteúdo geral. Centrifugação e pouca possibilidade de interação lado a lado (Movimento “*Espiral*”), entre os “quarteirões do conhecimento” vizinhos. Marcio D’Olne Campos sempre nos chama atenção para o fato de que, como ele diz “Se falta um ‘ovo’ (disciplina) na sua casa, você dificilmente conseguirá emprestar do vizinho”.

Outra implicação do Sistema de Créditos adotado pela UNICAMP - assim como o CB, fruto da Reforma Universitária, é que, ao contrário do Ensino Seriado, os créditos promovem a separação dos alunos, até mesmo daquelas turmas formadas pelos estudantes que entram no curso no mesmo. IFCH - Divisão disciplinas sociologia, antropologia e ciência política.

A Professora Rachel Meneguello, cientista política é formada pela UNICAMP,

tendo estudado na época em que o IFCH tinha aulas no Ciclo Básico. Ela lamenta as mudanças ocorridas nas trajetórias dos cursos e elogia a proposta inicial do Ciclo Básico na UNICAMP, segundo ela um projeto bonito de interação entre as disciplinas e os diversos cursos e áreas científicas.

O Manual do Candidato da UNICAMP do biênio 1971-72, ao interpretar o logotipo da UNICAMP, supõe o Ciclo Básico como “*um grande ponto de encontro*”. Da mesma forma, o Anteprojeto da UNICAMP, coordenado por Zuhair Warwar, trata o Ciclo Básico como - “*Praça Magna*” *entrelaçamento sócio-cultural do alunado* - como vemos, ambos referem-se aos conceitos de unidade e de atuação conjunta. O Ciclo Básico teria uma certa função de conceder uma “*mesma linguagem*” aos diferentes estudantes que chegassem à UNICAMP.

No quadro das grades curriculares dos cursos oferecidos pela UNICAMP, já em 1971 (6 anos de UNICAMP), há apenas duas disciplinas comuns para a maioria dos cursos oferecidos até então: **Educação Física**, que tinha a duração de oito semestres e **Problemas Brasileiros**, que contava com dois semestres.

É interessante observar que apenas os cursos do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), que na época também englobava também o curso de Economia não continham as disciplinas Educação Física e Problemas Brasileiros em suas grades curriculares, ao contrário de todos os outros cursos da UNICAMP. Isso acarretou pouco contato e possibilidades de interação social entre os estudantes deste Instituto e o resto dos estudantes da UNICAMP, contradizendo os lemas de interação global desta universidade.

Observando os catálogos de cursos no decorrer dos anos, vemos que algumas importantes modificações foram tomadas na estrutura das grades curriculares¹⁵. A

¹⁵ Foram analisadas as grades curriculares de 1971, 1972, 1984, 1995 e 1996, numa tentativa de captar representantes das três décadas de existência da UNICAMP.

disciplina de Problemas Brasileiros, comum à grande maioria dos cursos, por exemplo, já não existe mais. A disciplina de Educação Física - inicialmente unindo homens e mulheres em turmas coletivas ao longo de quatro anos de curso - passa a separar turmas masculinas e femininas por volta de 1984. Neste mesmo período, outra medida adotada foi a redução do período de adoção da disciplina de quatro para dois anos. Atualmente, embora tenha havido uma recuperação da existência de turmas mistas (masculinas e femininas) de Educação Física, a disciplina é obrigatória durante apenas um semestre em turmas reservadas para cada um dos diferentes cursos ou associando alguns. Dessa maneira esse curso que habitualmente se acompanha também de um caráter lúdico, portanto possibilitando maior agregação e comunicação, é oferecido em prazo reduzido e mantendo as divisões segundo áreas de conhecimento. Como vemos, as grades disciplinares reproduzem a metáfora das separações espaciais em quarteirões do conhecimento.

3.2.1.1 A Ênfase do Ciclo Básico no Logotipo da UNICAMP.

Atualmente pode se dizer que o esquema e a simbologia do logotipo da UNICAMP, apesar de ainda válido para muitos cursos, é mais significativo para os estudantes de Ciências Exatas, isto porque são eles os que mais significativamente iniciarão suas trajetórias na UNICAMP, a partir do Ciclo Básico.

A figura do logotipo, apresentada acima, que mostra a trajetória dos estudantes da UNICAMP em forma de uma progressão centrífuga, possui sua história.

“O modo de ser e agir de uma Universidade não é uno ou singular, nem é estabelecido antes do tempo e fora dos espaços sociais. (...) Uma Universidade não nasce

predestinada a ter um determinado perfil, não nasce como uma vocação. E para não ser dominada pelo espontaneísmo, para consolidar um caráter próprio, **ela tem que constituir seu projeto.**” [SOBRINHO, 1992: 119-120]

O Manual do Candidato da UNICAMP do ano de 1971, traz a explicação de seu logotipo e do caminho que o aluno ingressante deverá percorrer:

“No logotipo, a síntese. A bola branca, centro, círculo, símbolo da universidade, é o grande ponto de encontro.

Do pessoal e principalmente de conhecimentos, emanados dos três ramos fundamentais do conhecimento humano, simbolizados pelas três esferas vermelhas:

Ciências, Artes e Humanidades.

Que, atuando em conjunto, irradiam-se para a coletividade¹⁶, cumprindo as três funções da Universidade:

Ensino, Pesquisa e Extensão.”

“Unidade, versatilidade, universalidade dos conhecimentos humanos. Num só organismo, com funções de transmitir, gerar e ampliar conhecimento para a promoção do bem estar físico, espiritual e social do homem.”¹⁷

Organicidade e Irradiação de conhecimentos são as grandes idéias que acompanham a UNICAMP desde seus projetos e criação. De tão fortes marcam presença no logotipo desta Universidade.

Entretanto, é interessante observar as mudanças sofridas pelo papel do CB. O

¹⁶ Grifos meus.

¹⁷ Manual do Candidato da UNICAMP de dezembro de 1977.

prédio vem perdendo as características atribuídas à ele, enquanto a Instituição dos anos 60: organicidade.

A tendência atual é a de associar o CB às Exatas, em especial às Engenharias. O fato dos alunos do IFCH, forte representantes das ciências humanas, terem deixado de ter aulas no CB pode ser apontado como um dos motivos desta vinculação do território aos engenheiros.

3.2.2 A verticalidade da Biblioteca Central: um retrato da segmentação da UNICAMP.

Um bom exemplo da segmentação da UNICAMP são as diferenças constatadas entre os frequentadores de cada piso da Biblioteca Central.

O prédio da Biblioteca Central se localiza na parte central da área de ensino-pesquisa do campus e engloba, na sua parte externa, alguns serviços independentes da atividade específica da Biblioteca.

Ela reúne material de consulta e pesquisa básicos para todos os cursos ministrados pela universidade, além de reunir material necessário para atender aos demais alunos de primeiro e segundo graus frequentadores da UNICAMP, entre outros.

A Biblioteca Central é dividida em seis partes fundamentais que possuem aspectos e população característicos.

No subsolo, onde funciona uma lanchonete e um restaurante, a população presente é de professores, altos funcionários ou alunos de pós-graduação, isto porque os preços não são acessíveis à grande parte dos estudantes e funcionários.

No térreo, em sua parte exterior, encontramos os serviços de foto-revelação, uma farmácia, uma livraria e uma video-locadora, que servem à todos do campus. Este

local, por oferecer diversos serviços, é de circulação livre de todos.

Também no térreo, existe uma Galeria de arte, frequentada pelos estudantes em geral, em especial pelos estudantes de Artes.

Já o primeiro piso da BC é frequentado por muitos estudantes, de diversos cursos. Grande parte destes estudantes é de Exatas, está iniciando o curso e raramente está sozinho. Este primeiro piso é caracterizado pelas mesas de estudo coletivo, que geralmente lotam no horário do almoço, entre 12:00 e 14:00 horas.

Ao longo do dia, estudantes de fora da UNICAMP, muitas crianças e adolescentes vêm fazer seus estudos e pesquisas escolares usando o material da BC.

O material que o primeiro piso dispõe é um material extremamente básico para cada área de estudo, portanto, pouco ajuda os estudantes mais avançados, porém é de grande utilidade para os estudantes de 1o e 2o graus, assim como para os estudantes do supletivo da UNICAMP.

O segundo piso é marcado pelas mesas de estudo individual e as salas fechadas para reuniões em grupo. Além disso, o segundo piso também possui a Biblioteca das Engenharias: um acervo exclusivo de material para estes estudantes. Dessa forma, este piso é muito explorado pelos estudantes de engenharia.

Já o terceiro piso, onde a marca é o acervo Sérgio Buarque de Hollanda, com toda a Biblioteca e algumas mobílias e objetos do renomado autor é frequentado pelos estudantes de Letras e das Humanidades.

Há também no terceiro piso um local reservado para o estudo individual ou numa das salas de estudo em grupo (capacidade máxima de seis pessoas). Esta região é mais bem aproveitada pelos estudantes de humanidades, embora individualmente receba muitos estudantes de diversos cursos das Exatas. Estes salas também alcançam lotação máxima no período de almoço, quando até pode ser difícil conseguir uma vaga para

estudar.

Novamente em uma análise dentro de uma “Gramática dos Espaços”, Yi-Fu Tuan analisando o “Alto” e o “Baixo” nas construção do espaço arquitetônico, fala destes dois pólos do eixo vertical enquanto palavras que na maiorias das línguas transcendem o significado literal.

*“Tudo que é superior ou excelente é elevado, associado com um sentido de altura física. De fato “superior” deriva de uma palavra latina que significa “mais alto”. “Excelso” é outra palavra latina para “alto”. A palavra **brahman** do sânscrito é derivada de um termo que significa “altura”. “Degrau”, no seu sentido literal, é um escalão pelo qual subimos e descemos no espaço. O status social é designado “Alto” ou “ Baixo” em lugar de “Grande” ou “pequeno”. Deus mora no céu. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, Deus foi às vezes identificado como o céu. Edwyn Bewan: “A idéia que considera o céu com a morada do ser supremo, ou como identico à ele, é tão universal na humanidade como pode ser qualquer crença religiosa.” [TUAN; 1983: 42-43]*

Yi-Fu Tuan também fala que na arquitetura, os edifícios importantes são colocados sobre plataformas, e quando existe tecnologia necessária tendem a ser os mais altos, como os exemplos das pirâmides. Dessa forma, podemos constatar a “importância” do prédio da Biblioteca Central dentro do campus por ser um dos maiores e mais altos do campus.

3.3 A Reitoria enquanto centro da Área Administrativa:

A área Administrativa é marcada pela Reitoria. Entre os estudantes da área de ensino-pesquisa, esta região é comumente chamada de *Reitoria*. Quem não conhece o campus pode imaginar que estas pessoas estão tratando de um único prédio e da única instituição administrativa armada em torno do Reitor da universidade.

Na verdade, os estudantes acabam por resumir um conjunto de prédios e de instituições no único nome da Reitoria. “*Ir à Reitoria*”, pode significar muitas coisas como, ir aos correios, ir à Prefeitura, ir ao CORI (Coordenadoria de Relações Internacionais), ir ao Banespa, ir ao Banco Real, ir ao mini shopping, à feirinha e assim por diante.

A área administrativa ou simplesmente *Reitoria* é a região do campus onde encontramos as responsabilidades pelo andamento da UNICAMP nos seus mínimos setores. Aqui temos órgãos de administração, segurança, justiça, imprensa. São diversos departamentos, secretarias, órgãos assessorias concentrados em um único bloco de construções com quatro ou cinco prédios.

Os prédios básicos recebem o nome de Reitoria I, II, III e IV. Em cada prédio um deles se dividem inúmeros departamentos e secretarias agregadas às funções destas Reitorias.

Esta área é sem dúvida a de maior interação entre sua população, sendo comum todos se conhecerem pelo nome.

Durante a pesquisa de campo, sempre que precisei encontrar alguma pessoa específica não tive dificuldades em localizar o seu local de trabalho. Em outros casos, quando precisava de alguma ajuda específica, bastava explicar para algum funcionário aquilo que desejava que rapidamente eram citados alguns departamentos ou secretarias e o nome de um ou mais funcionários que poderiam me ajudar.

Circulação de papéis e processos leva o conhecimento das funções pelos que

trabalham na Reitoria.

As salas para o funcionamento destas secretarias são geralmente muito pequenas para o número tão elevado de funcionários que dispõem. Embora alguns funcionários estejam sempre realizando um trabalho intenso, na maioria dos casos, existe uma divisão extremada das funções, sendo distribuídas poucas tarefas para cada um deles. Dessa forma, tendo tempo livre, são frequentes as visitas de certos funcionários às salas de outros colegas para juntos *tomarem um cafezinho*, que raramente falta.

3.3.1 Eleições no campus, gestão da UNICAMP e papel da Prefeitura.

Segundo entrevista junto ao Sr. Florêncio, Técnico Administrativo da Prefeitura da UNICAMP, podemos dizer que o poder maior dentro da UNICAMP é o da Reitoria. Se a UNICAMP fosse um país, a Reitoria teria o papel da Presidência, tendo portanto o Reitor a responsabilidade do Presidente, dentro das devidas proporções. Todas as ramificações de poderes dentro da UNICAMP findam no gabinete do Reitor.

O Reitor é eleito pela comunidade da UNICAMP, que para fins políticos-eleitorais, foi dividida em três categorias básicas, que são: *Funcionários* (Pessoal técnico-administrativo), *Docentes* e *Alunado*.

Para cada uma destas categorias foram reservados diferentes valores para os votos, assim cada voto de funcionário vale um ponto; já para os docentes, cada três votos valem um ponto; e, para o alunado, cada ponto equivale à cinco votos.

São sempre apresentados cinco candidatos ao cargo de Reitor da UNICAMP, dos quais os três nomes mais votados nas eleições da UNICAMP, seguirão, numa lista, para a análise e palavra final do Governador do Estado de São Paulo, que geralmente garante

a vitória para o primeiro mais votado. Assim é escolhido o Reitor da Universidade.

Todos os Diretores de Unidade são regimentalmente cargos eletivos. O cargo de Superintendente do Hospital das Clínicas também é eletivo, tendo o voto dos docentes da área médica peso 5, enquanto que os funcionários da área médica e alunos da Faculdade de Ciências Médicas têm em seus votos peso 3.

Por ocasião das eleições para Superintendente do Hospital das Clínicas são travadas verdadeiras campanhas eleitoriais, há toda uma movimentação dentro da área médica, entrega de panfletos por “cabos eleitorais”, enfatizando metas e seriedade dos candidatos, como na recente eleição de 1997.

Quanto ao Reitor, este terá de coordenar toda um conjunto de Reitorias e Pró-Reitorias, que funcionam em prédios distintos dentro da Área Administrativa do campus e que são responsáveis pelo andamento de toda a administração universitária.

Um dos prédios é o do **DGA** (Diretoria Geral de Administração).

Outro prédio é o da **Reitoria**, onde se inclui o Gabinete do Reitor e as Prós-Reitorias de Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa, Desenvolvimento Universitário e Extensão.

O prédio da **Reitoria I**, engloba a Prefeitura do Campus da Cidade Universitária “Zeferino Vaz” e o ETT (Escritório de Transferência de Tecnologias), subordinado à Pró-Reitoria de Extensão.

O prédio da **Reitoria II** inclui a Procuradoria da UNICAMP e a Secretaria Geral.

O prédio da **Reitoria III**, inclui o Departamento de Recrutamento e Treinamento, parte integrante do DGRH (Diretoria Geral de Recursos Humanos) e o SAS (Serviço de Apoio ao Servidor).

O prédio da **Reitoria IV** é onde funciona as coordenadorias e sub-áreas de Frequência, Alterações Funcionais, Ingresso, Cadastro, Desligamento e Registro, todas

integrantes do DGRH.

O prédio da **Reitoria V** é onde funciona as sub-áreas de Pagamento e Expediente do DGRH e a Secretaria de Imprensa da UNICAMP.

Como vemos a Prefeitura Universitária é uma ramificação da Reitoria. O Prefeito é escolhido pelo Reitor, que o atribui um cargo de confiança.

Solange Barioni, Assistente Técnica de Direção da Prefeitura Universitária, disse que *“A Prefeitura Universitária é basicamente responsável pelos cuidados para com o urbanismo do campus da Cidade Universitária: Transporte, Telefonia, Segurança, Planejamento Urbano e o Parque Ecológico”*.

Segundo ela, *“tudo tem que estar certinho, a carne tem que chegar aqui no Restaurante (aponta em direção ao Restaurante I), não importa o que aconteça... se o funcionário faltou, não veio hoje, a comida tem que está lá, prontinha, na hora certa”* .

Todavia, Solange afirma que *“aparece gente aqui (Prefeitura) para tudo... por exemplo, esses dias mesmo apareceu uma mulher aqui que queria colocar o filho na creche! (Risos) Ela achou que, como aqui é a ‘Prefeitura’, poderia intervir na creche, ou algo assim (...) são muitos os casos... tem gente que vem reclamar... avisar de rato morto na rua... são muitos os casos, sempre acontece...”*

Um fato que ocorreu comigo, pode confirmar o dito acima, quanto à falta de conhecimento por parte da população da UNICAMP acerca das funções da Prefeitura do campus. Certa vez fui abordada, nas proximidades do IFCH, por um rapaz de São Paulo, estudante de pós-graduação, que me pediu informação sobre como chegar na Prefeitura do Campus. Com a indiscrição de um pesquisador sobre a Cidade Universitária, depois que lhe expliquei o caminho quis saber o que ele ia fazer lá; ele me respondeu tentando, ao mesmo tempo, tirar uma dúvida:

“Vou até lá para pedir informações sobre estes ônibus que saem daqui direto

para São Paulo... Acho que é lá que se vê isso, né?!”

Esse não seria o local correto de se procurar esta informação. Esse ônibus é particular e foi instituído para servir a professores assim como a alunos de Pós-Graduação, habitantes de São Paulo, que desenvolvem atividades na UNICAMP. Grande parte desses usuários são do IFCH.

3.4 Área Médica e o Hospital das Clínicas.

A principal marca desta área da UNICAMP denominada Médica é o HC (Hospital das Clínicas). Centenas de pessoas vindas das mais variadas localidades do país chegam diariamente ao campus buscando tratamento ou agendamento de consultas no HC da UNICAMP.

Dentre estas pessoas que vêm ao campus buscando o tratamento médico oferecido pelo HC é comum constatarmos, em suas falas, usos indevidos de nomes para se referirem ao HC. Algumas confundem HC com UNICAMP, outras sequer sabem da existência da universidade, e pensam que UNICAMP é apenas o nome deste Hospital que se encontra em Campinas, há também casos de pessoas que sabem do HC da UNICAMP enquanto “*Hospital-Escola*”, mas desconhecem o resto da universidade.

Nos relatos de uma senhora que veio de Franca para agendar uma consulta para seu filho no HC, fica claro o título de UNICAMP que ela repassa ao HC especificamente. Segundo ela, que teria saído de casa ainda pela madrugada para chegar “*na UNICAMP pelas sete da manhã*”, “*as pessoas de Franca ou vão para Ribeirão Preto - o hospital lá também seria muito bom, ou então vêm se tratar aqui na UNICAMP mesmo*”.

Notando eu que sempre a senhora se referia ao HC da UNICAMP como somente UNICAMP - Tinha vindo buscar tratamento *na UNICAMP e não no Hospital da*

UNICAMP ou no HC da UNICAMP, perguntei à ela se a UNICAMP era muito conhecida em Franca, ao que ela me respondeu da seguinte forma: “*A UNICAMP é um bom hospital, tem um bom tratamento*”.

Tendo em vista esta resposta, perguntei à ela sobre a Universidade Estadual de Campinas: “*E quanto à Universidade Estadual de Campinas, você já ouviu falar?*”. A senhora pôs momentaneamente tentando se lembrar, mas acaba respondendo negativamente, então expliquei à ela que *o HC não era a UNICAMP*, mas significava apenas *uma parte dela*, já que fora criado além da função de atender aos doentes, também para formar alunos na prática da medicina e enfermagem. Ela ficou surpresa e disse não saber e terminou com a frase “Aprendi mais uma coisa nova”.

Outro aspecto que pode denotar esta tendência em se associar o nome UNICAMP ao Hospital das Clínicas da UNICAMP pela população da área médica é observado diariamente entre as pessoas que precisam tomar ônibus do centro de Campinas para o Hospital.

Existem duas maneiras de se chegar ao HC partindo-se do centro de Campinas: uma das maneiras é tomar o ônibus da linha 3.61, cujo título é Rodoviária-UNICAMP via Hospital das Clínicas, neste caso, o passageiro segue direto do centro para o HC. A outra maneira é indireta, ou seja, precisa-se tomar um ônibus (3.60 ou 3.70), que siga do centro para o Terminal Barão Geraldo e de lá tomar o 3.38 que faz a linha Terminal Barão Geraldo-Hospital das Clínicas; Entretanto, diariamente, pessoas que desejam ir ao Hospital tomam o ônibus da linha circular expressa 3.71, intitulado UNICAMP, mas que liga o Terminal Central de Campinas à área de ensino-pesquisa do campus, sem passar pela área médica. São muitos os casos de pessoas perdidas dentro da área de ensino e pesquisa, pelo fato de pensarem que o expresso UNICAMP as levaria ao HC. A linha circular interna - que circula pelas três regiões do campus, resolve este problema.

Como sabemos, o HC está dentro da área médica da UNICAMP e é muito expressivo desta área, mas ela não se resume somente à isto.

Segundo a administradora hospitalar Cleusa Filipini Ferreira, Assistente Técnica da Unidade da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, a área de saúde ou área médica, é formada basicamente pela FCM (Faculdade de Ciências Médicas), o HC (Hospital das Clínicas), o CAISM (Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher), o HEMOCENTRO (Centro de Hematologia e Hemoterapia), o GASTROCENTRO (Centro de Diagnóstico de Doenças do Aparelho Digestivo) e o CIPOI (Centro de Investigação e Pesquisa Ontológica da Infância).

Todas estas entidades estão diretamente ligadas à Direção da Reitoria, de onde recebem seus recursos e para qual devem justificativas. Além destas entidades, existe ainda uma importante comissão, chamada CAAAAS - Comissão Assessora para Assuntos Assistenciais da Área da Saúde. Esta comissão conveniada é conveniada ao SUS, recebendo portanto, recursos extra-orçamentários. A CAAAAS é presidida pelo diretor da FCM, que define as políticas de saúde UNICAMP.

Embora a área médica possua todo um complexo de entidades, como acabamos de ver, sua população específica na maioria dos casos sempre a resume ao Hospital das Clínicas, mas isto não encerra as representações acerca da área médica.

Josmar Gonçalves, um senhor de 47 anos de idade, saiu da cidade de Machado do Sul em Minas Gerais em busca de uma operação no HC da UNICAMP. Segundo ele, *a UNICAMP seria conhecida no mundo inteiro*. Curiosa quis saber por quê, ao que ele me respondeu dizendo que este hospital - aponta para o HC e diz: *“É famoso no mundo inteiro (...) A UNICAMP é tudo sobre medicina, diz ele. Qualquer coisa que pensa sobre medicina aqui tem”*.

Seu Josmar, que veio nesta pela quarta vez ao campus, diz que conhece a

Universidade Estadual de Campinas - *É onde estuda para Medicina - A UNICAMP é um Hospital-Escola*, diz ele. Seu Josmar fala que até tem um pouco de medo quando pensa em se operar no HC só de pensar que vai *passar pela mão de estudantes*. Todavia se encoraja porque diz que pouco se ouve falar de morte aqui na UNICAMP - *morre mais em São Paulo*.

4. UNICAMP: Serviços de uma UNIVER(C)idade.

Como o urbanismo inclui um conjunto de serviços montado para atender cidadãos, para os que vivenciam o campus da UNICAMP esses serviços existem embora não se apresentem com a disponibilidade característica de uma cidade - a Cidade Universitária “Zeferino Vaz” resiste aqui também à categoria de cidade.

Estando longe de Campinas e do centro de Barão Geraldo, a universidade teve que dar conta de todo um conjunto de serviços como alimentação, serviços bancários, serviços de correio, creches e escolas para os filhos dos funcionários, entre outros. Os serviços estão permeados por todo o campus, tendo uma maior diversidade concentrada nas áreas Administrativa e Educacional. A seguir falaremos um pouco de cada um dos mais significativos serviços encontrados no campus.

4.1 Alimentação:

Um primeiro ponto importante são os serviços de alimentação no campus.

Grande parte da alimentação é garantida por dois grandes restaurantes

(Restaurantes I e II), um na área Educacional e outro na área Administrativa, são responsáveis pela alimentação de grande parte da população da UNICAMP. Além destes dois restaurantes, há um exclusivo para funcionários do HC na área médica, não sendo aberto para estudantes e funcionários em geral do campus.

Basicamente, quem almoça e janta no Restaurante I [FIGURA 9] - Reitoria - é a grande massa de funcionários da área administrativa e da área médica da UNICAMP. O Restaurante I é menor que II - Ensino-pesquisa.

É o Restaurante II que atende aos estudantes da área de ensino e pesquisa. Em determinados horários como o que antecede a saída dos estudantes das aulas - de 10:30 até 12:00, o “bandeijão” recebe muitos funcionários desta área.

Além dos “Bandeijões”, cujo preço é de R\$1,50, em todos os *quarteirões do conhecimento* existe pelo menos uma cantina. O público das cantinas é basicamente garantido pelos estudantes do Insituto correspondente.

Outra parcela da população da UNICAMP, opta por comer em um dos restaurantes “self-services” do campus, onde o Kilo da comida custa cerca de R\$12,00. Nestes Restaurantes o público é de professores, funcionários mais bem pagos, pesquisadores e alunos de pós-graduação.

Durante o trabalho, um caracter muito explorado pelos unicampistas para diferenciar os serviços da UNICAMP ao de uma cidade foi este da alimentação. Os entrevistas em muitos casos se referiram à *ausência de supermercados* dentro do campus, como um diferenciador da Cidade Universitária e Campinas, por exemplo.

Neste sentido, ao deixar o campus, os unicampistas seguem para suas casas onde têm a oportunidade de comer os alimentos particulares de que mais gostam. Assim ganham uma certa individualidade que não possuem na Cidade Universitária, onde em geral, estudantes de todos os cursos e funcionários de diferentes escalões compartilham do mesmo cardápio diário.

Mesmo fugindo um pouco desta esquema, como ao se comer numa das cantinas

ou em algum restaurante self-service, o unicampista não tem a oportunidade de preparar aquilo que realmente deseja comer, mas precisa escolher dentro de um cardápio pré determinado.

4.2 Educação:

Para atender aos funcionários, tanto da UNICAMP, quanto da FUNCAMP (Contratados de serviços terceirizados por essa Fundação), que possuem crianças na família (filhos, sobrinhos, até netos dependendo da avaliação sócio-econômica), mas precisam passar o dia inteiro dentro do campus, muitas vezes sem ter como deixar as crianças em seu horário de trabalho, existem berçários, maternidades, creche, uma pré-escola e um colégio de primeiro grau, além de um espaço para recreação para que as crianças possam ficar nos períodos alternativos de seus horários escolares.

Para bebês e crianças que não atingiram a idade de 4 anos necessários para frequentar a pré-escola, existe o CECI - Centro de Convivência Infantil.

Existem duas unidades de CECI no campus: Uma na entrada para a área de Ensino e Pesquisa. Nesta unidade ficam os bebês de 0 à 9 meses. Quando estes bebês já estão começando a andar, há uma segunda avaliação sócio-econômica da família. Após a crivagem, eles são transferidos para um outro CECI próximo ao Hospital das Clínicas.

Depois do CECI, outra avaliação sócio-econômica determinará a passagem ou não para a EMEI (Escola Municipal de Ensino Infantil) da UNICAMP. Segundo as professoras desta pré-escola, a EMEI da UNICAMP apenas se difere dos outro devido a presença de monitoras, que trabalham conjuntamente com as professoras, dando

assistência à elas. A EMEI funciona no mesmo prédio do CECI da área médica. As crianças da EMEI têm de 4 à 6 anos de idade.

Ao lado do prédio da Unidade II do CECI e da EMEI, temos um complexo onde se agrupam e funcionam: a Creche da Área da Saúde, o PRODECAD (Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente), o Espaço Lúdico e a Escola Estadual de Primeiro Grau Sérgio Porto (1a. à 4a. séries do Primeiro Grau).

A Creche Área da Saúde foi criada para atender funcionários do HC que trabalham em dois turnos, crianças desde dois meses e meio até 4 anos de idade. “É para filhos de médico...”, diz uma professora do EMEI. “Será?!” - duvido eu. “Ah! Só sei que os filhos dos de ‘roupa branca’ tudo fica lá!” retruca ela.

O PRODECAD está ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Pertence à ele também um sistema de Apoio à Escolaridade, para alunos de 1a. à 4a. séries, que funcionam nos horários alternados do período de aulas das crianças. Assim, quem estuda de manhã, pode passar às tardes no apoio e vice-versa.

O “Sérgio Porto” é a Escola Estadual que funciona dentro da UNICAMP. Ela surge graças à um acordo entre o Reitor e o Secretária da Educação do Estado de São Paulo.

Terminado este percurso, as crianças, na faixa etária de 10 anos de idade, tendo concluído seus estudos de 4a. série, passam a estudar em colégios de 5a. à 8a. em Barão Geraldo ou Campinas.

Em geral, esta mudança de escola do campus para o centro de Campinas é de grande estranhamento e difícil aceitação para estas crianças.

Conversei com duas irmãs, cujos pais, tios e avós trabalham dentro do campus. Tendo elas terminado seus estudos de primeiro grau no Colégio Sérgio Porto, tiveram que ir estudar no centro de Campinas. Elas falam da difícil mudança que ocorreu na vida

delas. *“Nesta escola que eu tô agora eu não posso sequer sair da sala e deixar o material sobre a carteira porque roubam... aqui não tem este problema, você pode sair deixar tudo e quando você volta tá tudo do jeitinho que você largou.”*

“Lá na cidade, as escolas estão cheias de marginais...”, diz a outra menina. Que durante toda a conversa fala da segurança de se estudar dentro do campus.

Em geral o cotidiano das crianças que passam o dia no campus se resume a trocar de lugares dentro deste espaço do complexo educacional. Na área médica, tudo ocorre num clima de muita segurança. Ao anoitecer seguem para suas casas, tomam banho, jantam, fazem o dever de casa, caso não o tenham terminado na UNICAMP, brincam e vão dormir.

Michele, de cinco anos de idade, está no pré-primário. Nesta entrevista, ela fala de seu dia-a-dia na UNICAMP (que ela deve confundir com a EMEI) e sua casa.

LGS__ Seu pai trabalha aqui ou sua mãe?

M__ *Só meu pai que trabalha no Restaurante.*

LGS__ Ah, no Restaurante! E o que ele faz lá?

M__ *Ele faz comida, entrega as coisas... pra fazer...*

LGS__ Ah, legal! E você vem junto com ele pra cá?

M__ *Venho.*

LGS__ Você sabe que horas você sai de casa?

M__ *Sei.*

LGS__ Que horas?

M__ *Sete horas.*

LGS__ Todo dia sai este horário?

M__ *É.*

LGS__ E você chega aqui que horas?

M__ *Umas oito e meia... por aí.*

LGS__ Em qual bairro você mora?

M__ *No Jardim Amanda.*

LGS__ Ai, você chega aqui e vem direto para o EMEI?

M__ *(movimento afirmativo com a cabeça e “hu hum”)*

LGS__ E no resto do dia, o que você faz?

M__ *Eu faço ‘tra- tralhalinho’ e brinco.*

LGS__ Aqui?

M__ *É. Quando eu che... Quando eu vou para minha casa, eu chego, vou tomá meu banho, vou jantar, faço umas brincadeiras e vou dormir.*

LGS__ Então você chega já tarde, porque você já vai jantar?

M__ *É.*

LGS__ Cê chega que horas?

M__ *Umas sete horas.*

LGS__ Ai dorme, no outro dia tem que vir pra cá e tudo de novo? É?

M__ *É.*

LGS__ Você não fica cansada de vir para cá todo dia?

M__ *Às vezes eu fico porque eu tenho ‘probrema’ de dor de estômago.*

LGS__ Aí, cê vai aonde?

M__ *Aí meu pai me leva No médico e minha mãe.*

LGS__ Você vai no CECOM?

M__ *Quê?*

LGS__ Qual hospital você vai? Aquele grandão? (Aponto para o HC).

M__ *Não, minha mãe me leva no meu médico, eu tenho, é...*

LGS__ Mas seu médico não fica aqui dentro da UNICAMP?

M__ Não, nem fora da UNICAMP. É em Campinas que é meu médico.

LGS__ Aqui não é Campinas?

M__ Não, aqui é UNICAMP.

4.3 Limpeza:

A limpeza do campus, antes de competência da Prefeitura [FIGURA 10], atualmente vem sendo realizada por duas empresas de terceirização, sendo que cada uma destas empresas possui um local específico para atuação.

Assim, a empresa “Alternativa” se responsabiliza pela limpeza das áreas médica e administrativa, enquanto que a empresa “KST - Kutner Serviços Terceirizados”, realiza a limpeza da área de ensino-pesquisa. Os empregados destas duas empresas são facilmente identificados pelos uniformes que usam com o nome de suas empresas impressas nas costas e bolso.

4.4 Estes empregados fazem parte do grupo que almoça mais cedo nos bandeijões (Cerca das 11 horas).Comércio e Serviços Bancários:

Existem alguns pontos dentro do campus da UNICAMP, onde se concentram alguns de serviços de comércio e vendas.

Um deles é o Ciclo Básico - onde se encontram uma livraria e duas pequenas lojas, que oferecem diversos produtos, desde de produtos de papelaria, passando por objetos “do Paraguai”, até roupas e produtos cosméticos e perfumaria.

Na foto [FIGURA 11], vemos trilhas que ligam o IFCH ao Ciclo Básico e à agência do Banespa. Pelo fato dos alunos do IFCH pouco assistirem aulas no prédio do

Ciclo Básico, deduz-se que a trilha que segue em direção ao Ciclo Básico seja resultado da busca pelos serviços de comércio do local.

Outro ponto é a Biblioteca Central, que em seu subsolo possui um Bar/restaurante e, no térreo, apresenta uma livraria, uma locadora de vídeo, uma farmácia e uma loja de foto e revelação [FIGURA 12].

Próximo à Reitoria, embora fora do controle das guaritas, há um mini-shopping (roupas e sapatos), um chaveiro e duas pequenas lojas de confecção.

Quanto aos serviços bancários, existem duas agências bancárias na área Administrativa (Banespa e Banco Real) e três outras na área de ensino-pesquisa, sendo uma agência montada do Banespa, um trailer do Banco do Brasil [FIGURA 13] e uma agência provisória do Banco Real, ao lado do Ciclo Básico [FIGURAS 14, 15 e 16]. Na área médica há uma outra agência do Banespa. Além disso existem vários caixas-eletrônicos permeados em todo o campus.

No horário de almoço, formam-se grandes filas na entrada do banco. Estas filas tendem a diminuir com o recente programa de instalação de diversos caixas rápidos eletrônicos, instalados em alguns pontos estratégicos do campus.

4.5 Os serviços de transporte:

Três linhas de ônibus (3.61, 3.62, 3.71) ligam o campus a pontos diferentes da cidade de Campinas - Rodoviária de Campinas, Terminal Central, Terminal Mercado e PUCCAMP. Uma outra linha liga o campus ao terminal de Barão Geraldo, de onde pode se tomar outros tantos ônibus com destinos variados dentro do Distrito de Barão Geraldo e Campinas.

Já para os visitantes, estudantes e funcionários que realizam o percurso pelas três áreas do campus, preferem a ajuda do ônibus Circular Interno, que faz a ponte entre as

duas áreas, poupando uma longa caminhada.

4.6 Os serviços de segurança e policiamento:

“A segurança da UNICAMP é unicamente patrimonial” - Disse-me Solange

Barioni, Assistente Técnica de Direção da Prefeitura Universitária - *“Ela cuida apenas do que se refere ao Patrimônio Físico de quem estiver aqui dentro”*, complementa.

Segundo ela, as guaritas da UNICAMP foram instaladas justamente para impedir que se continuassem os constantes e sucessivos roubos de automóveis dentro do campus. *“Faz pouco tempo que construíram as guaritas... Foram construídas em 92, 93 ...Mais ou menos por aí”*

Perguntei para um dos guardas de uma das principais guaritas da UNICAMP, que se localiza próxima à Faculdade de Engenharia de Alimentos, qual era a sua função ali e o que significava a guarita. Ele foi muito simpático, aceitando responder à todas as minhas perguntas, e permitindo-me até mesmo, ao final da entrevista, que tirasse fotografias dele e de seu local de trabalho [FIGURAS 17 e FIGURA 18]: *“Como você vê, minha função é anotar algumas informações básicas, como a placa do carro e o horário de entrada do veículo... O responsável pelo veículo fica com o documento e deve me devolver ao sair com o carro do campus (...) A guarita serve como controle contra roubo do carro dentro da UNICAMP, só isso... A pé todo mundo entra”*.

4.7 Moradia e Hotel:

A UNICAMP possui uma Moradia Estudantil, que visa atender os alunos de baixa renda vindos de outras cidades ou estados para estudar na UNICAMP. Porém ela não se encontra dentro dos limites de seu campus.

Solange, Assistente Técnica de Direção da Prefeitura Universitária, explica a

localização da Moradia da UNICAMP fora do campus, pela falta de espaço dentro do campus e a doação do terreno em Barão Geraldo. *“Como você vê, aqui não teria lugar... Não sei como foi, mas doaram aquele terreno lá...”*

Além disso, a UNICAMP também possui um hotel [FIGURA 19].

O Hotel da UNICAMP funciona desde o início de 1997. A recepcionista Gisele fala que o Hotel foi construído para servir aos professores que chegam em Campinas para realização de Congressos, Seminários, Estudos - o Hotel dentro do campus é uma forma de facilitar a vida destes professores e pesquisadores que precisam realizar seus trabalhos na UNICAMP.

Primordialmente para atender à este corpo de hóspedes, o hotel também está aberto ao público desde que hajam vagas disponíveis. Segundo Gisele, o Hotel é um sucesso de público, e possui suas tarifas dentro do mercado - equivalente a um hotel com três estrelas, diárias de US\$65,00 à US\$120,00.

Como vemos, além do hotel, não há como dormir dentro do campus. As pessoas que passam seus dias claros dentro do campus, mas não dormem nele. Cinco da tarde diversos ônibus fretados saem da Praça da Paz - entre as áreas administrativa e de ensino-

pesquisa. A maioria dos funcionários da UNICAMP moram em bairros afastados, passam o dia, muitas vezes com a família inteira, dentro do campus e seguem para suas casas ao anoitecer.

Os estudantes, muitos vindos de outros municípios ou mesmo estados diferentes, passam a morar na proximidades do campus - Cidade Universitária I e II, bairros de Barão Geraldo, ou em Campinas, geralmente nos bairros centrais. Outro parte volta para sua cidade ao anoitecer, desde que sejam relativamente próximas, como Americana, Piracicaba, São Paulo, Jundiaí.

4.8 Serviços de Justiça:

No campus da UNICAMP não existe Tribunal de Justiça, Fórum, Delegacia de Polícia. Falar de Justiça e Policiamento no campus é falar de um órgão chamado Segurança da UNICAMP. A Prefeitura também cuida da Segurança.

Florêncio, Técnico Administrativo e estudante de um curso de Formação de Segurança, fala-me sobre a possibilidade de instauração de penas com multa, num futuro próximo, para quem desobedecer as normas de trânsito, placas e estacionamento de dentro do campus, me apontou para um questionamento:

“__ *Se alguém cometer um crime aqui dentro do campus da UNICAMP? Quem cuida disto? A quem deve recorrer a vítima*” - Perguntei.

“__ *A Segurança da UNICAMP vai ser acionada e esta pessoa será julgada de acordo com as Leis Brasileiras de Justiça.*” - Respondeu Florêncio.

“__ *Mas, e se a vítima for diretamente fazer uma queixa na Delegacia de Barão Geraldo ou Campinas?*” - Retruquei e logo ele voltou a falar com ar definitivo:

“*— Tudo Bem, mas ninguém e nenhuma viatura da polícia vai entrar aqui no campus, para fazer os laudos e essas coisas, sem a autorização da Segurança da UNICAMP.*”

Noutra ocasião, quis saber detalhes acerca do termo de compromisso que deveria assinar para abertura de minha conta, para acessar E-mail pela UNICAMP.

Neste termo, constavam certas proibições a qual todos que usam os serviços de conta via UNICAMP devem obedecer, como por exemplo:

“*Não usar a conta para outros fins senão acadêmicos, não conceder a senha para nenhuma outra pessoa*”. Caso a pessoa não aja segundo ali consta, fica a pessoa sujeita às leis brasileiras e às *normas e regulamentos que vigoram na UNICAMP*.

Antes de assiná-lo, quis saber da atendente quais eram estas *normas e regulamentos da UNICAMP* aos quais deveria obedecer caso não quisesse ser punido. A ação da senhora foi de grande surpresa, posto que desconhecia estas normas.

5. TRABALHO DE CAMPO:

O trabalho de campo foi realizado nas três áreas estabelecidas por mim para o campus. Entrevistas foram coletas nas três áreas.

A área de ensino-pesquisa e a administrativa foram de fácil coleta de dados.

Uma parte das entrevistas foi realizada com as crianças cujos pais trabalham no campus, para que se captassem a dinâmica das famílias que passam o dia claro no campus.

Para caracterizar o funcionamento geral das instituições da UNICAMP houveram entrevistas com funcionários da área administrativa, assim como a análise de organogramas.

O material colhido, portanto, é o das entrevistas e material bibliográfico, além de fotos que visam registrar o campus - tanto espacialmente, quanto individualmente.

O material bibliográfico serviu para a parte de busca histórica - momento de criação da UNICAMP. Num outro momento, serviu para questão da análise do espaço. A bibliografia teve o papel de me inserir na visão do espaço, sua análise, tendo um papel maior de auxílio já que a maior parte do trabalho deveria ser primordialmente voltado ao trabalho de campo e de análise do espaço.

6. DISCUSSÃO À GUIA DE CONCLUSÃO:

Como vimos, a Cidade Universitária “Zeferino Vaz” possui alguns aspectos significativos de cidade porém resiste em muito à esta categoria propriamente dita.

A Cidade Universitária “Zeferino Vaz” possui um urbanismo interno próprio apesar de inclusa enquanto bairro dentro do urbanismo de Campinas. No entanto a Cidade Universitária possui, de certa forma, independência política econômica e administrativa em relação a Campinas. Isso lhe confere características "municipais", como no caso das verbas que recebe do Governo do Estado de São Paulo ao qual deve prestar contas de suas finanças numa relação análoga a da municipalidade campineira para o estado e a federação.

Diferentemente de uma cidade, no urbanismo da Cidade Universitária “Zeferino Vaz” destacam-se as grandes áreas: médica, de ensino-pesquisa, administrativa e um domínio mais restrito de serviços, todos com suas distintas áreas de ocupação e espaços construídos.

Como uma cidade, a UNICAMP recebe diretamente do governo de São Paulo as verbas para sua existência. Assim como cidade qualquer do Estado de São Paulo, a UNICAMP deve apresentar seus gastos e prestar contas diretamente com o governo estadual e não com o município de Campinas, de onde urbanisticamente faz parte. Como universidade pública estadual, a parte destas relações com os governos, em seu crescimento, tem se verificado uma ampliação de seu setor comercial e de serviços privados tendo sido implantado recentemente mesmo uma agência de banco privado no interior do campus.

Especialmente possui uma organização diferente de uma cidade comum brasileira. Possui uma área médica equivalente a uma terça parte da campus, uma área administrativa excessivamente grande para o espaço e uma população tão pequena.

Fora da área restrita ao Campus verifica-se que o campus-cidade da UNICAMP não possui uma periferia pobre no que se refere a residências (Bairro Cidade Universitária) assim como não ha periferia industrial exceto algumas empresas de transferência de tecnologia para industrias como a TELEBRÁS.

A Cidade Universitária também não possui Moradia/residências para que as pessoas que vivem diariamente dentro do campus possam também vir a passar as noites dentro do campus. Ao anoitecer a comunidade que passou o dia inteiro junta dentro do campus, se divide em inúmeros caminhos diferentes, indo de encontro às mais diversas realidades.

Falar de uma “cidadania” da UNICAMP não é tarefa fácil, posto que ela parece mais se aproximar de uma idéia de “patriotismo”. Geralmente o conceito de cidadania apontado pelos unicampistas se refere ao fato de se *pertencer* a algo como "país ou cidade", sentir-se na obrigação de defender e ser protegido, mas raramente é apontada no sentido de atuação, exercício *direitos* e *deveres* para com sua “cidade”, aplicando nela

seus conhecimentos, fazendo dela um lugar melhor para se viver. Alguns estudantes apontaram o conceito de cidadania unicampista ligado ao dever de estudar, dever de trabalhar, mas não de servir de outras formas (deveres sociais). Em geral permanece a idéia de “orgulho” e “defesa”.

Diante da espécie de fusão Universidade/Cidade que ocorre no campus da UNICAMP, penso que deveria haver uma maior interação teoria-prática e aplicação dos conhecimentos no próprio campus, que em geral não ocorre. A relação ensinado-praticado dentro do campus é pouco coerente e não se estabelece numa proposta que deveria ser de constante aplicação de conhecimentos adquiridos para a melhoria das condições e da qualidade de vida nessa "cidade", nesse caso atendendo às funções de cidade-laboratório e de laboratório de cidadania. O que se observa é um sistema educacional que se restringe muito à teoria, enquanto que a prática para a vivência é posta em segundo plano. Vê-se que os estudantes transportam-se, na maioria dos cursos, para mundos distantes do real e que pouco utilizam suas teorias e seus aprendizados em situações vivenciais.

Ao contrário, na área de Ensino e Pesquisa, a tendência é a separação entre os cursos que levam também à separação dos alunos. As fronteiras das grades disciplinares tornam-se uma metáfora da separação em quarteirões do conhecimento próprios do urbanismo do Campus que divide suas “aldeias” com distintas visões de mundo, ideais e objetivos específicos de cada um desses grupos. A população da UNICAMP é estratificada em alunos de diferentes cursos e níveis, pessoal técnico-administrativo, professores e outros servidores, prestadores de serviço, comerciários e comerciantes.

Em função da etapa de trabalho descrita neste relatório, apresento a seguir algumas sugestões de diferentes direções para a continuidade da pesquisa.

Seria interessante uma continuação deste estudo para analisar as modificações da

estrutura urbanística do campus, novo estudo das mudanças, criação do novo ciclo básico.

Um estudo mais aprofundado das divisões de áreas do conhecimento, de tarefas associadas, enfim, da dinâmica de funcionamento do campus relacionada à forma como se representa o urbanismo desta cidade universitária.

Um estudo antropológico das “aldeias” mencionadas, assim como de diferentes "tribos urbanas" que circulam entre essas "aldeias".

Um levantamento da evolução da estrutura arquitetônica-urbanística dos campi universitários em comparação com o da UNICAMP.

Um estudo sócio-pedagógico da relação entre urbanismo de campus e história da educação, assim como da relação entre o ensinado e o vivenciado e praticado no interior dos *campi*.

7. BIBLIOGRAFIA

- ATCON, Rudolph, **Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus**, Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Projeto CR-10-PE-5, Florianópolis/SC, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.
- BELTRÃO, Ierecê Rego, citada por Luís Nassif, Folha de São Paulo, Caderno 2, Domingo 16/02/97.
- BRITANNICA CD 2.0 (CD-rom), Encyclopaedia Britannica, Chicago, 1995, (verbete: University)
- CAMPOS, Ernesto de Souza, **História da Universidade de São Paulo**, Ernesto de Souza Campos, São Paulo/SP, 1954;
- CATÁLOGO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNICAMP, 1971-1972.
- CATÁLOGO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNICAMP, 1984.
- CATÁLOGO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNICAMP, 1995.
- CATÁLOGO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNICAMP, 1996.
- CERTEAU, Michel, **A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer**, Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 1994;
- CORBUSIER, Le, **Por Uma Arquitetura**, Editora Perspectiva, São Paulo/SP, 1977.
- DA MATTA, Roberto, **A Casa e a Rua**, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.
- D'OLNE CAMPOS, Márcio, *A Relação Universidade/Cidade Universitária/Cidade in Universidade e Compromisso Popular* (Seminário), PUCCAMP, Campinas/SP.
- ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA.
- FÁVERO, Maria Albuquerque, **Da Universidade “Modernizada” à Universidade**

Disciplinada: Atcon e Meira Mattos, 1990, São Paulo/SP, Ed. Cortez.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro/RJ, 1975.

FOUCAULT, Michel, **Vigiar e Punir**, Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 1987.

FOUCAULT, Michel, **Microfísica do Poder**, Editora Graal, Rio de Janeiro/RJ, 1984.

HALL, Edward T., **A Dimensão Oculta**, Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro/RJ, 1997.

HARVEY, David, **A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa Sobre a Origem da Mudança Cultural, Espaços e Tempos Individuais na Vida Social**, Ed. Loyola, São Paulo/SP, 1994.

HOULSTON, James, **A Cidade Modernista - Uma Crítica de Brasília e Sua Utopia**, Cia das Letras, São Paulo/SP, 1993.

JORNAL DA UNICAMP, Edição de 30 Anos da UNICAMP, Ano X, número 115, Outubro de 1996, Campinas/SP.

LIPIETZ, Alain, **O Capital e Seu Espaço**, Ed. Nobel, 1987, São Paulo/SP.

LISTA TELEFÔNICA DA UNICAMP, 1995.

MANUAL DO CANDIDATO DA UNICAMP 1971-1972.

MANUAL DO CANDIDATO DA UNICAMP 1977.

MANUAL DO CANDIDATO DA UNICAMP 1997.

NIEMEYER, Ana Maria de, **Desenhos e Mapas na Orientação Espacial: Pesquisa e Ensino de Antropologia**, Janeiro de 1994, Publicação do IFCH n.12, Campinas/SP.

PRATES, Antônio Augusto Pereira (et alii), **Análise da Implantação do Ciclo Básico na Universidade Brasileira**, in BIB, Rio de Janeiro/RJ, n.20, pp1-82, 2.semestre 1985.

RIBEIRO, Darcy, **A Universidade Necessária**, Paz e Terra, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

ROLNIK, Raquel, **O que é cidade?**, Coleção Primeiros Passos vol.203, Editora Brasiliense, São Paulo/SP, 1988.

ROSSI, Aldo, **“A Arquitetura da Cidade”**, Editora Martins Fontes, São Paulo/SP, Coleção “A”, 1995.

SAVIANI, Dermeval - **Ensino Público e algumas falas sobre Universidade - Coleção Polêmicas do nosso tempo volume 10**, Cortez Editora, 1987, São Paulo/SP.

SITTE, Camillo, **A Construção das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos**, Ed. Ática, 1992 (org) Carlos Roberto Monteiro de Andrade, São Paulo/SP.

SOBRINHO, José Dias, **“Avaliação Institucional da UNICAMP”**, Editora da UNICAMP, Campinas/SP, 1992.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço e Lugar - A Persistência da Experiência**, Editora Difel, 1983.

WARWAR, Zuhair (Coord.), **Anteprojeto da UNICAMP Formalização Real da Universidade Estadual de Campinas no Contexto do Ensino Superior Brasileiro**.

WOLFF, Robert Paul, **A Universidade Como Linha de Montagem Para o Homem do Sistema**, O Ideal da Universidade, Editora da UNESP, 1993.

PARK, Robert Ezra, *A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* in (org)Velho, Otávio Guilherme, **O Fenômeno Urbano**, Editora Zahar, 1967, Rio de Janeiro/RJ.

Luciana Gama de Siqueira
ORIENTANDA

Dr. Marcio D`Olne Campos
ORIENTADOR